

Vinicius Lummertz*

O Brasil já é o dobro do seu tamanho

O Brasil é maior do que imagina, mas ainda muito menor do que poderia ser. Pelo PIB nominal, ocupa a 10ª posição mundial, com cerca de US\$ 2,3 trilhões. Em termos per capita, no entanto, cai para a 70ª, com apenas US\$ 13 mil por habitante e uma das piores distribuições de renda do planeta. Mas quando se mede pela paridade de poder de compra, PPC , o retrato se transforma. O país alcança cerca de US\$ 4,2 trilhões e salta para a 7ª posição global, logo abaixo da Alemanha e atrás apenas de China, Estados Unidos, Índia, Rússia e Japão. É como se, em termos reais, fosse duas vezes maior do que aparenta pelo câmbio.

Esse contraste se reflete no cotidiano. O brasileiro médio ainda consegue almoçar carne, arroz, feijão e legumes , com preços razoáveis . Frutas tropicais abundantes e baratas completam uma dieta que, no hemisfério norte, é artigo de luxo. O mesmo ocorre com os serviços. Serviços domésticos , pequenos concertos e serviços em geral estão ao alcance de grande parte da população porque os salários são mais baixos e a economia é fortemente informal , longe dos quase 40 por cento de impostos que os governos cobram em impostos e longe dos altos juros ao consumidor. Já na Europa ou nos Estados Unidos, esses serviços são de elite. Nesse sentido, pelo custo de vida, o Brasil parece maior.

Mas a ilusão se desfaz quando o consumo depende de bens industrializados. Automóveis, celulares e eletrodomésticos custam muito mais aqui do que no exterior. Um iPhone pode ser 40% mais caro. Um carro popular no Brasil equivale a veículos de padrão superior em outros países. E uma televisão comprada a prazo custa o preço de duas

ou três. É aí que se revela o peso de um sistema que encarece tudo e reduz o poder de consumo. A natureza entrega, mas o modelo econômico retira com a mão grande.

Esse modelo singular de “capitalismo jabuticaba”, produz riqueza, mas não a transforma em maior felicidade . A combinação de impostos indiretos elevados, crédito proibitivo e gasto público ineficiente suga a renda antes que ela se consolide e se multiplique . O resultado é um país que aparece como robusto em paridade de poder de compra, PPC , mas frágil na distribuição de renda per capita. Somos grandes como país mas pobres como indivíduos.

O problema central é a produtividade. A renda só cresce de forma sustentada quando há aumento de produtividade, e no Brasil ela tem patinado há décadas. A razão é justamente o nosso modelo de capitalismo: caro, distorcido e incapaz de premiar quem produz mais e melhor. A economia brasileira se limita à produção de produtos sem conseguir expandir valor por meio de inovação, eficiência e competitividade. A falta de infraestrutura adequada, o excesso de burocracia, a insegurança jurídica e a distorção tributária compõem uma armadilha que impede o avanço. Sem produtividade, a renda fica estagnada e o país não passa de uma potência estatística.

Esse diagnóstico não é novo. Edmar Bacha descreveu o Brasil como “Belíndia”, uma Bélgica cercada por uma Índia. Maria da Conceição Tavares alertava para o crescimento “espúrio”, incapaz de gerar desenvolvimento com equidade. Marcos Mendes reforça que gasto público ineficiente, tributação distorcida e baixa produtividade mantêm o país preso

ao atraso. De diferentes pontos ideológicos, todos convergem num mesmo ponto: o capitalismo jabuticaba brasileiro tem parentes próximos na Turquia e no México , e precisa ser reformado, não para reduzir dinamismo e mas sim aumentá-lo tornando-o capaz de traduzir potencial em prosperidade.

Enquanto isso, jovens, microempreendedores e startups buscam caminhos próprios, apoiados até na chamada teologia da prosperidade. Mas a soma desses esforços não é suficiente para superar os limites estruturais de um sistema que concentra renda, consome recursos e bloqueia oportunidades. A vitalidade individual não consegue romper barreiras que apenas mudanças institucionais profundas poderiam derrubar.

O Brasil já é o dobro do seu tamanho em poder de compra, mas não consegue converter essa condição em felicidade geral da nação . A estatística é grande, mas a experiência cotidiana é pequena e estressante . O desafio é simples de enunciar e difícil de executar: aumentar a produtividade, reduzir os impostos sobre consumo, racionalizar o gasto público e democratizar o crédito. Sem isso, o país continuará a desperdiçar energia e a viver de avanços parciais, recuos e frustrações.

O Brasil precisa de um capitalismo reformado, mais justo e mais eficiente, capaz de transformar potencial em renda, renda em prosperidade e prosperidade em futuro. Já somos a sétima economia do mundo em paridade de poder de compra, mas seguimos barrados por nossa própria ineficiência. Os brasileiros querem liberdade para trabalhar.

***Ex-presidente da Embratur.
Ex-ministro do Turismo**

Fernando Molica

Palavrões de Eduardo e D. Marisa

Quem não gosta de Jair Bolsonaro adorou ser apresentado aos palavrões e palavras chulas escritos por Eduardo Bolsonaro; assim como quem odeia o PT gostou muito de, em 2016, ouvir os palavrões e palavras chulas usadas por Marisa Leticia Lula da Silva em conversa com um de seus filhos.

Além do repertório há outro ponto em comum nos dois casos — é possível, no mínimo, questionar a divulgação do material. Ao promover a exposição dos áudios de Marisa, o então juiz Sérgio Moro tinha o único objetivo de causar danos à imagem da mulher do então ex-presidente Lula.

Um golpe para associar Marisa, de origem humilde, ex-babá e ex-operária, a uma mulher destemperada, incapaz de se expressar num vocabulário que seria adequado a uma ex-primeira-dama. Não havia na gravação nada que indicasse sua eventual participação em algum malfeito, não há referências sequer ao tal triplex que ela teria desejado comprar. Marisa morreria no ano seguinte, depois de sofrer um AVC.

Na mesma leva, o juiz que, por seus desmandos, levaria uma sova do Supremo Tribunal Federal, tratou de estimular a divulgação de diálogo entre Lula e o prefeito do Rio, Eduardo Paes. Uma conversa igualmente repleta de palavrões em que não havia qualquer

referência a suposta ilegalidade cometida por eles ou por aliados.

O que o juiz procurava era reforçar o estereótipo de que o ex-presidente era grosseiro, indigno do cargo que ocupara. Ao oferecer o material, Moro infringiu a lei que trata de interceptações telefônicas, que manda inutilizar “a gravação que não interessar à prova”.

Como também não há em frases repletas de palavrões digitadas por Eduardo Bolsonaro e dirigidas ao seu pai nada que possa dar novas provas de crimes por ele cometidos nos Estados Unidos. Não é citado nenhum elemento que ajude a reforçar seu indiciamento, pela Polícia Federal, por coação no curso do processo e tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito.

Não é que ele não esteja atuando para atrapalhar o processo judicial: mais do que isso, tem estimulado o presidente dos Estados Unidos a aplicar medidas contra o Brasil caso o STF não encerre a ação penal contra o ex-presidente.

Eduardo é, na prática, um réu confesso, mas sua culpa não está evidenciada na tal conversa, motivada por uma discordância relacionada ao governador de São Paulo, Tarcisio de Freitas. Além de xingamentos ao pai, o que se tem ali é, principalmente, uma discussão política e familiar: as declarações não

apresentam novos indícios de cometimento de outra rodada de ilegalidades.

O uso, pela polícia ou pelo Judiciário, dessas falas de Marisa, Lula, Paes e Eduardo revela, sobretudo, a dificuldade que setores do Estado brasileiro têm para controlar o próprio poder. É como o atacante que, não satisfeito em fazer o gol, quer dar um drible a mais, pular sobre a bola, rebolar diante do zagueiro, humilhar o adversário.

Seria hipócrita não admitir ser engraçado ouvir o pastor Silas Malafaia usar uma linguagem mais comum nas preleções em vestiários de times de futebol, um palavreado que contrasta com a ideia de um defensor tão rígido do único modelo de família que admite. Mas pronunciar palavras de baixo calão pode se constituir numa impropriedade, em falta de educação — mas não é crime.

Quem de nós não utiliza, em conversa com amigos, linguagem tida como socialmente imprópria? Como não reproduzir em livros um vocabulário corrente nas ruas e que expressa tão bem determinados sentimentos ou ações?

Ainda que necessária em diversos casos, a quebra de sigilo de comunicações é algo muito grave, capaz de expor a terceiros a privacidade de cada um de nós. Cabe ao Estado zelar pelo respeito à intimidade de todos.

Tales Faria

Bolsonaro aparece como traidor

As trocas de mensagens extraídas pela Polícia Federal do celular de Jair Bolsonaro expuseram uma face do ex-presidente República que pode ser destruidora para sua popularidade e para sua relação com aliados.

Bolsonaro se expôs como traidor, o que é considerado mortal para a imagem dos políticos, segundo especialistas em campanhas eleitorais.

Um dos piores momentos divulgados nas trocas de mensagens por WhatsApp foi aquele em que o próprio filho do ex-presidente, o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), o xingou. Eduardo denunciou uma traição do pai, à qual classificou como “ingratidão”.

No diálogo, o filho reclama do fato de Jair Bolsonaro tê-lo chamado de imaturo durante uma entrevista ao site Poder 360:

“VTNC SEU INGRATO DO CARALHO!”, escreveu Eduardo em maiúsculas, conforme divulgado pela PE. A sigla VTNC significa “vai tomar no c...”

Além da traição contra o próprio filho, as mensagens revelaram pelo menos outras quatro traições do ex-presidente.

A primeira delas, quando traiu empresários que o apoiaram desde a campanha eleitoral, mas que estão sofrendo prejuízos com o tarifajo imposto pelos EUA – tanto os da chamada “Faria Lima” como os do agrone-

gócio. Bolsonaro deixou claro que só tentará reverter a situação se a anistia for aprovada aqui no Brasil.

Em áudio enviado ao pastor Silas Malafaia, o ex-presidente afirmou que tem articulado com seus interlocutores – aos quais se refere como “pessoas mais acertadas” – que, “se não começar votando a anistia, não tem negociação sobre tarifa”.

“Não adianta um ou outro governador querer ir para os Estados Unidos, ir para embaixada, para não sei onde quer que ele vá tentar sensibilizar, não vai conseguir”, enfatizou.

Depois, em conversa com seu filho Eduardo, ficou claro que o clã está disposto até mesmo a trair os bolsonaristas mais radicais, como os que o ex-presidente incensou a invadir em as sedes dos Três Poderes em Brasília.

“Se a anistia light passar, a última ajuda vinda dos EUA terá sido o post do Trump. Eles não irão mais ajudar”, comentou Eduardo, pontuando que não vale colocar em risco a aprovação da anistia apenas para “enviar [para casa num semiaberto] o pessoal que esteve num protesto que evoluiu para uma baderna”.

E mais: o próprio desejo de fugir do país, revelado em um texto encontrado no celular, intitulado “Carta JAIR MESSIAS

BOLSONARO” e que seria endereçado ao presidente da Argentina, Javier Milei. O brasileiro afirma estar sendo “perseguido por motivos e por delitos essencialmente políticos” e conclui: “apresento este requerimento, solicitando a concessão de asilo político à minha pessoa, Jair Messias Bolsonaro”.

Trata-se do que pode ser interpretado como uma traição contra aqueles que votaram nele e esperavam do seu líder que ficasse no país lutando até o final, como ele prometeu durante o governo.

Sem contar a maior de todas as traições, que já está produzindo estragos na popularidade de Bolsonaro: a traição contra o país como um todo, promovida por quem fez campanha dizendo-se “um patriota”. As mensagens mostraram-no incentivando o chefe de outro país a desrespeitar a soberania do Brasil com a aplicação de sanções contra autoridades dos Três Poderes.

Por conta disso a pesquisa Quaest divulgada nesta quarta-feira revelou que , quando se aborda a postura dos atores políticos diante da crise, 48% avaliam que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o PT adotaram medidas corretas, enquanto apenas 28% enxergam Bolsonaro e seus aliados da mesma forma.

Lula deu uma virada na popularidade, enquanto o clã de Jair Bolsonaro despencou.

EDITORIAL

Memória perecível

Em dezembro de 2024, a Universidade de Oxford, renomada universidade dos Estados Unidos, escolheu a palavra “brain rot” como a palavra do ano. Traduzido para “cérebro apodrecido”, a palavra foi a mais votada em uma seleção com mais de 37 mil pessoas participantes. Segundo o Dicionário de Oxford, “brain rot” é “a suposta deterioração do estado mental ou intelectual de uma pessoa, especialmente vista como resultado do consumo excessivo de material (principalmente conteúdo online) considerado trivial ou pouco desafiador”.

O termo se refere à sensação de cabeça vazia após passar horas rolando o feed nas redes sociais consumindo conteúdos rasos e superficiais, uma espécie de neblina mental, somada à redução da capacidade de atenção e declínio cognitivo. Falando de forma chula, uma idiotização generalizada em decorrência da alta demanda de informações acontecendo ao mesmo tempo, que é tempo demais para o seu cérebro processar e, como resposta, ele fica quase paralisado.

Apesar de ter sido escolhida a palavra do ano de 2024, po-

deria facilmente ser a palavra do ano de 2025 novamente. No começo dos anos 2000, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman escreveu livros citando os conceitos da modernidade líquida e amores líquidos, no qual o pesquisador descreve tempos de relações interpessoais (com foco em relações amorosas, mas que não se limitam a elas) raras como um pires de uma xícara. Em seus livros, ele descreve a sociedade contemporânea em constante mudança, o que resulta em instabilidade e falta de referências sólidas. O conceito foi muito adotado para se referir para relações interpessoais, contudo, na atual realidade digital pode ser adotado nas relações intrapessoais.

É nítido que o período da pandemia de covid-19, que deixa resquícios e fantasmas que não devem ser esquecidos tão cedo – mas é provável que esqueçam –, contribuiu para acelerar a digitalização da vida real. Mas há tempos a memória coletiva vem se tornando perecível pelo excesso de informações, de estímulos ou de possibilidades. E essa data de validade da memória é o que torna a situação atual mundial tão perigosa.

Zico, o craque da inclusão esportiva

Se dentro de campo Zico, o eterno camisa 10 da Gávea, dispensa apresentações, fora dele, o Galinho de Quintino vem se mostrando ainda maior. Neste sábado (23), ele promoverá a 3ª edição do Futebol Inclusivo no Centro de Futebol Zico, que fica no Recreio dos Bandeirantes, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Com entrada gratuita, o evento começará às 8h e promete ser uma verdadeira aula de inclusão. Em parceria com a clínica da Dra. Vivian Rodrigues, que criou o projeto, o ‘Futebol Inclusivo’ é uma forma de aproximar crianças autistas do ambiente esportivo, promovendo autoestima, socialização e alegria.

Por conta disso, as crianças com autismo viverão uma manhã recheada de atividades de recreação, aprendizado e convivência ao lado dos alunos da escola de futebol do Galinho.

O Zico ainda não tem presença confirmada, mas o Camisa 10 costuma marcar presença para conferir de pertinho os eventos em seu Centro de Futebol.

É uma oportunidade para os menores terem contato com o grande ídolo do Flamengo e entenderem que o futebol não começou nos últimos anos.

Além de ser um momento de diversão, o evento reforça uma mensagem de relevância social: a de que inclusão não deve ser exceção, mas parte da rotina. A iniciativa inspira não apenas o universo esportivo, mas também escolas, famílias e a sociedade como um todo a enxergarem o valor da diversidade. Diante do grande número de casos de discriminação registrados diariamente contra crianças autistas, utilizar o esporte como ferramenta para fazer a molecada se sentir incluída e respeitada é mais um golaço do Galinho.

Opinião do leitor

Acenos

O dorso nu mostra o coração florido
O céu descobre mãos suaves
Sombreadas com nuvens prontas
Para o baile dos aflitos

*Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal*

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier,
Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor) e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.